

# **A POLÍTICA DO FAZER E O FAZER POLÍTICO DA CENA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO FAZER**

Hericles Gomes de Araújo (Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ)<sup>1</sup>  
Berilo Luigi Deiró Nosella (Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ)<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho pretende apresentar os resultados da Iniciação Científica desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena, da Universidade Federal de São João del-Rei (GPHPC/UFSJ), intitulada “Modos de Fazer e linhagens históricas”. Como parte integrante de pesquisa mais ampla em fase de conclusão, a presente Iniciação Científica centrou suas ações no suporte à realização do evento “3º Seminário em História, Política e Cena: a política do fazer e o fazer político da cena”. Tal seminário teve como tema central debater os diversos aspectos políticos do fazer cênico em suas diversas frentes e elementos – direção, atuação, técnica e tecnologia, linguagem. Neste campo, como resultado do trabalho de organização, transcrição e análise das conferências e debates, apresentaremos uma síntese da questão a partir dos estudos e conclusões do bolsista de Iniciação Científica em seu trabalho, desde agosto de 2020. Foram analisadas as seguintes conferências e debates: “Aspectos de Formação: Rede de Escolas de Teatro e Vídeo Político e Popular Nuestra América”; “Ofícios da Cena: Técnica e História”; “Atuação como Ofício: História do Ator”; e “Teatro e Cinema: política e história em cena”.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Teatro e política; História e historiografia do teatro; Ofícios da cena.

## **ABSTRACT**

This work intends to present the results of the Scientific Initiation developed within the scope of the Research Group in History, Politics and Scene, at the Federal University of São João del-Rei (GPHPC/UFSJ), entitled “Modes of Making and

---

<sup>1</sup>Hericles Gomes de Araújo, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), graduação bacharelado em Teatro. Professor Orientador: Berilo Luigi Deiró Nosella. Bolsa de Iniciação Científica financiada Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

<sup>2</sup>Professor do Departamento de Artes da Cena e o Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei. Líder do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) – GPHPC/UFSJ.

Historical Lineages”. As an integral part of a broader research nearing completion, this Scientific Initiation focused its actions on supporting the event “3rd Seminar on History, Politics and Scene: the politics of making and the political making of the scene”. The central theme of this seminar was to debate the various political aspects of scenic making in its various fronts and elements – direction, performance, technique and technology, language. In this field, as a result of the work of organization, transcription and analysis of conferences and debates, we will present a synthesis of the issue based on the studies and conclusions of the Scientific Initiation scholarship holder in his work, since August 2020. The following conferences and debates were analyzed: “Aspects of Formation: Nuestra América Political and Popular Theater and Video Schools Network”; “Scene Crafts: Technique and History”; “Acting as a Craft: Actor's History”; and “Theatre and Cinema: politics and history on stage”.

### **KEYWORDS**

Theater and Politics; Theater history and historiography; Scene Crafts.

O seminário em História, Política e Cena acontece desde 2016, com a finalidade de discutir diferentes aspectos do fazer teatral, tendo como intuito refletir sobre os desdobramentos políticos de diversas áreas do teatro. Nesta edição, intitulada: “III Seminário em História, Política e Cena: a política do fazer e o fazer político da cena”, o objetivo de suas mesas foi o de debater os aspectos políticos do fazer cênico.

A partir desses debates, o presente trabalho tem como base apresentar os resultados da Iniciação Científica: “Capítulos de história da iluminação cênica no Brasil: Modos de fazer e linhagens históricas”, no âmbito do Grupo de pesquisa em História, Política e Cena – GPHPC/UFSJ, e dos Cursos de Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Tais resultados se baseiam nas transcrições das mesas que compuseram este seminário.

A mesa: “Teatro e política aspectos da formação rede de escolas de teatro e vídeo político e popular, Nuestra América”, ministrada pelo professor Rafael Villas Boas da Universidade de Brasília, apresentou a Rede de Escolas de Teatro político Nuestra América, que tem atuação em diversos países da América Latina e Europa, como Brasil, Argentina e Espanha. Tal rede tem o intuito de pensar o teatro a partir de

uma perspectiva política, utilizando-se de conceitos de autores como Augusto Boal, Brecht e Piscator sempre em diálogo com os movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST.

Esse diálogo do teatro político com os movimentos sociais, parte do pressuposto que a existência desse teatro se dá através da luta de classes consolidada, atravessada pelas dinâmicas conservadoras, gerando assim demandas de formação, circulação, luta e ação direta que são evocadas através da arte. E que vêm sendo ampliadas através do contato com as Universidades e Institutos Federais. Tal encontro procura:

Além de fortalecer o processo de formação política por meio das linguagens teatral e audiovisual o objetivo da Escola é formar multiplicadores nessas linguagens através da socialização de conhecimento técnico, teórico e histórico, com foco na experiência do teatro político e do vídeo popular. Outro objetivo central da Escola é articular a produção teatral e audiovisual às lutas sociais contemporâneas. Com esta iniciativa pretende-se retomar o debate e a prática da educação popular vinculada a métodos de trabalho de base e ao trabalho organizativo cultural, bem como fortalecer redes de intercâmbio e de circulação da produção cultural de movimentos sociais coletivos artísticos em espaços comunitários, escolas, universidades e sindicatos. (L.V BOAS; C. PINTO; M. ROSA, 2019, p. 38).

No Brasil, esse movimento pôde ser observado por iniciativas como o Centro Popular de Cultura, o CPC, fundado em 1961 e interrompido pela ditadura em 1964. Outra iniciativa, o Teatro de Arena, que teve como premissa refletir através da arte o momento político pelo qual o país passava no período de sua criação. Essas, nascem através de um processo de organização dos artistas da época, que enxergavam na arte um modo de resistência contra o sistema hegemônico. Nesse mesmo sentido, nasce a Rede de Escolas de Teatro político, que vê no teatro e no encontro com os movimentos sociais e sua forma de articulação uma possibilidade de emancipação da luta de classes.

Deste modo, a partir também do viés da pedagogia socialista, essa rede de escolas de teatro político, que tem se espalhado pelo Brasil, provoca a formação de trabalhadores da cultura através dos preceitos de informar, formar e organizar, possibilitando que os agentes culturais possam conhecer melhor as questões que o cercam e possam ter uma produção mais efetiva. Tais aspectos partem de fatores ocorridos a partir da Revolução Russa que:

[...] foram marcados, de modo geral, por três características que se projetaram posteriormente como legado para outros movimentos e

organizações ao longo do século XX: o empenho na socialização em larga escala dos meios de produção de todas as linguagens artísticas visando a formação de um público ativo que pudesse transpor a dimensão de consumidores para a condição de produtores; a articulação orgânica entre cultura e política, por meio da estratégia revolucionária de destruição das estruturas objetivas e subjetivas do poder político, cultural e econômico anterior, e a construção de uma nova organização social, em chave emancipatória; e o reconhecimento da experiência da classe trabalhadora, das questões do modo de vida, como ponto de partida primordial para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem conectados à realidade, às condições objetivas de cognição, e à motivação dos participantes das organizações sociais” (L.V BOAS; C. PINTO; M. ROSA, 2019, p. 39).

Sendo assim, pode-se ver que o teatro político, através dessa rede consolida-se no aspecto da articulação entre educação popular, cultura popular e a construção do poder popular, tendo em vista uma formação crítica e emancipada do povo para o momento político que o atravessa, sempre em diálogo com a história.

A partir deste processo de articulação que a rede propõe, a segunda mesa, “Ofícios da cena: técnica e história”, tem como convidado Rafael Bicudo diretor de cena e pesquisador independente, que se dedica a projetos de pesquisa e formação na área de técnicas do palco. A partir disso, ele aborda o teatro do ponto de vista do fazer técnico da cena, tendo como norte sua profissão, direção de cena, que seria o profissional responsável pela operação técnica do espetáculo. É a figura encarregada por gerir toda a equipe técnica durante os processos de ensaios e de apresentações:

A direção de cena é responsável por gerenciar (organizar e coordenar) a logística técnica de um espetáculo durante o período de ensaios e apresentações considerando a realidade de cada produção para administrar criativamente os anseios de artistas, técnicos(as) e espectadores(as) envolvidos(as). A profissão requer uma figura de liderança com escuta e articulação sensíveis em relação aos aspectos estéticos e técnicos que envolvem o espetáculo. Ou seja, trata-se de uma liderança técnica e artística, identificada como integrante da equipe técnica. (SOUZA, 2019, p.35)

Nesta mesa, a questão de como a história do teatro está sendo pensada atualmente é levantada. Rafael, provoca a reflexão por qual viés está sendo construída essa história, quais as profissões que são evidenciadas e as que são invisibilizadas. E aponta que essa invisibilidade está diretamente nos ofícios técnicos do fazer cênico, que é raro encontrar documentos, escritos que coloquem esses profissionais como centro da ação teatral e da perspectiva histórica.

Deste modo, ele propõe que se pense sobre esses profissionais, os valores que os são dados, tanto na remuneração, quanto no prestígio do fazer e convida a colocar esses profissionais em todos os espaços, seja nos editais de fomento, nas pesquisas acadêmicas e na construção histórica desse fazer. Pensando inclusive, no sentido político de ter esse olhar:

Existem gerações de técnicas e técnicos neste País que se formaram na prática, aprendendo com seus erros e aceitando a invisibilidade como condição de trabalho. Um técnico de palco não precisa estar sujo de graxa, cansando e acuado perto de artistas – que, diferente dele, estão em cena. O bom técnico não é invisível, ele sabe ser invisível, ou seja, ele sabe quando ser invisível na coxia e em cena e sabe ser visível na coxia e em cena. Apesar do vínculo afetivo estabelecido com artistas, técnicos(as) de palco ainda não foram autorizados(as) a falar. (SOUZA, 2019, p. 36).

Outra perspectiva abordada, é a da formação dos técnicos no Brasil, que apesar de existirem, ainda são muito pequenas e não atingem todos os espaços formativos que deveriam atingir. E coloca que para além de formar técnicos, é preciso formar os artistas com um olhar para esse fazer técnico, entendendo a importância desses profissionais, que devem estar no processo desde o início e mudando o olhar da historiografia do teatro, tirando-o somente do aspecto artístico e, colocando no mesmo grau de importância o fazer técnico.

A terceira mesa: “Atuação como ofício”, proferida por Henrique de Gusmão professor adjunto do Setor de Teoria e Metodologia da História da UFRJ, levanta a questão da atuação como um fazer histórico e, por ser histórico, político também. Focando nos textos de Stanislavski e essa relação texto e atuação, ele aponta que para se construir uma história propriamente da atuação é necessário recorrer aos textos, as épocas em que foram escritos e quais os movimentos que estavam efervescentes nesses períodos.

Henrique recorre aos textos, pois enxerga que é muito difícil, dentro de uma perspectiva da história, ter acesso ao momento cênico em si, já que o contato com este fica restrito a relatos, críticas e afins, mas o ato em si é praticamente impossível de se recuperar. Dentro disso, pensa também a figura do ator que é construída em um determinado ambiente social e que esse ambiente influencia diretamente nos modos de atuação, produção e constituição das companhias teatrais e, conseqüentemente, influenciam essa história da atuação:

A partir do momento em que o ator fosse para o palco descartando modelos codificados, ele poderia conferir uma marca pessoal e autêntica para seu trabalho. A partir de então, por esta nova perspectiva, dois atores jamais poderiam interpretar o mesmo personagem do mesmo modo, como chamava a atenção Diderot: a atuação ganha a marca da singularidade do intérprete. (GUSMÃO, 2021, p.99)

E com isso, ele aborda sobre a constituição de uma história da atuação, a partir da relação texto, corpo e cena, tendo em vista a característica do teatro como uma arte efêmera, e por isso, a construção dessa dita história da atuação como ofício é baseada na relação entre história e corpo. Como essa relação está inserida na vida dos atores, nos acontecimentos dos períodos que os levam à cena e permitem uma produção de sentido para aquele fazer.

Levando em consideração, esse aspecto de relação com os períodos históricos e o teatro, a última mesa “Teatro e cinema: a história em cena”, com Vanessa Teixeira de Oliveira professora associada do departamento de teoria do teatro e coordenadora do programa de pós-graduação em artes cênicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que vai abordar a relação entre teatro, cinema e história a partir do filme *Outubro*, de Eisenstein.

Para pensar essa relação teatro, cinema, história e política, a convidada parte do texto “Montagem de Atrações”, de Eisenstein, no qual ele vai tirar da figura do ator e do texto a importância do evento teatral e, passa a considerar todos os detalhes como importantes para esse acontecimento, da cor do figurino, ao espectador e assim por diante. Sempre colocando o espectador como material básico desse acontecimento. Assim ele faz em suas criações cinematográficas, visto que para ele o cinema seria um modo de construção do pensamento e do conhecimento através das imagens.

Então a partir disso, é possível enxergar nessa proposta de Eisenstein, tanto no cinema como no teatro, que ele tenta acabar com essa forma de hierarquia dos elementos e tudo passa a ocupar um lugar central. Com isso, se tem o espectador como material básico da ação e essas características de atrações com o mesmo grau de importância, serão determinantes para criar no espectador ações sensoriais e/ou psicológicas, que o auxiliarão no entendimento daquela representação.

Por fim, o III Seminário em História, Política e Cena da UFSJ “A política do fazer e o fazer político da cena”, apresenta uma possibilidade de articulação e organização política dos trabalhadores da cultura, traz perspectivas históricas a respeito

do fazer técnico e artístico do teatro e mostra as potencialidades na relação teatro e cinema e suas formas de constituição de sentido.

E o resultado desse processo de transcrição, dentro da bolsa de iniciação científica, possibilita a documentação e divulgação dessas reflexões tão pertinentes e necessárias aos tempos que estamos vivendo.

## REFERÊNCIAS CITADAS

BÔAS, Rafael Litvin Villas; PINTO, Viviane Cristina; ROSA, Simone Meneses. **A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal: formação pela práxis.** Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 1, n. 34, p. 036-047, 2019.

Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019036/9956>. Acessado em 09/08/2021 às 09:00.

DE GUSMÃO, Henrique Buarque. **A arte do ator no papel: a atuação teatral em questão na europa do iluminismo.** Ação: Arte do Ator em Revista, v. 1, n. 1, p. 98-103, 2021. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:VoMooWZVE2MJ:seer.unirio.br/acao/article/download/11166/10226+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 09/08/2021 às 10:30.

OLIVEIRA, Vanessa Teixeira de. **Eisenstein ultrateatral.** Movimento expressivo e montagem de atrações na teoria do espetáculo de Serguei Eisenstein. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SOUZA, Rafael Augusto Bicudo de. **Direção de cena: noções, processos e diálogos.** Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-22012020-174204/publico/RafaelAugustoBicudodeSouzaVCv1.pdf>. Acessado em 09/08/2021 às 13:00.